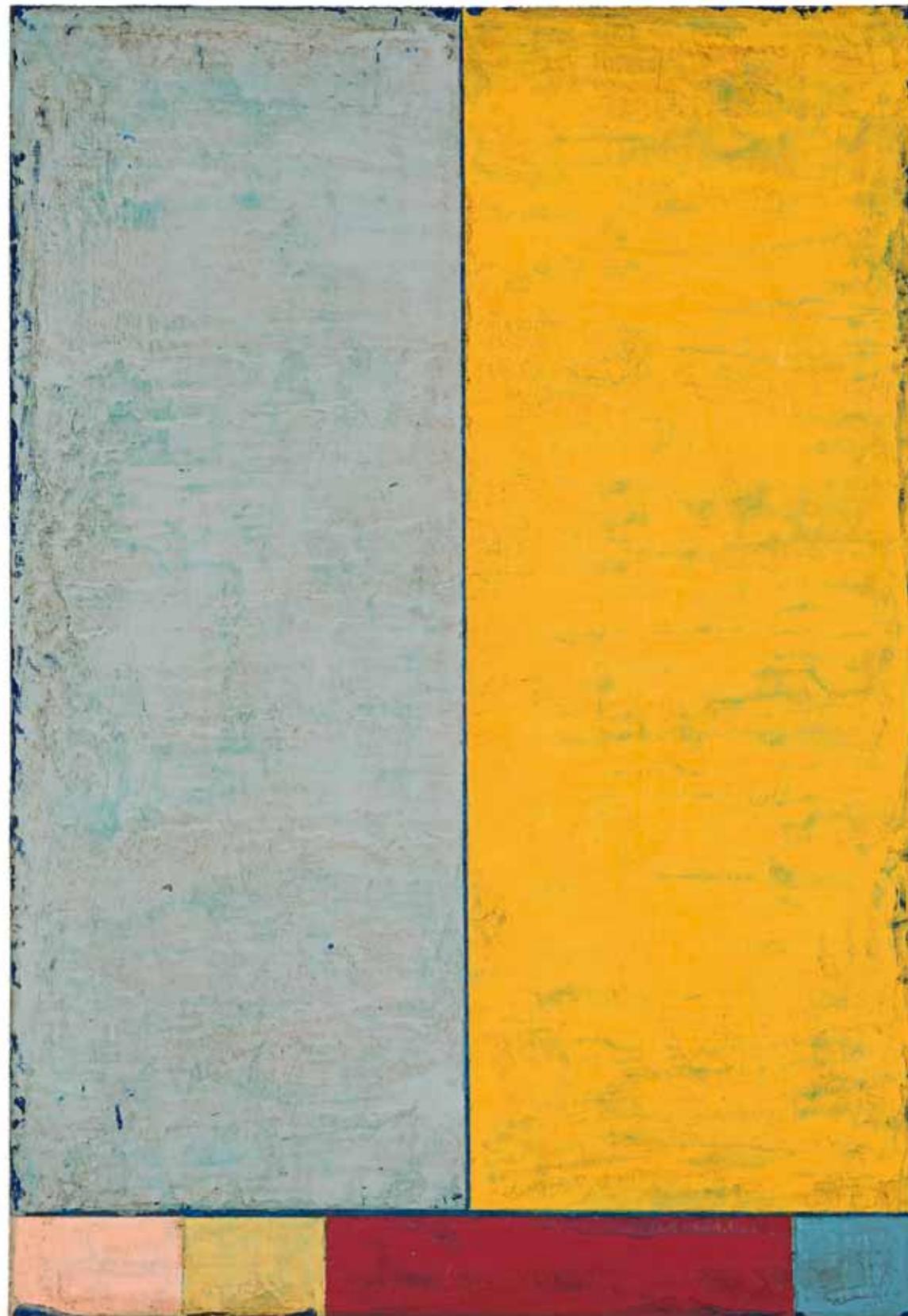


A BELA AURORA

Sempre estive onde está o amanhecer.
A noite se converte em bela aurora
e nos meus olhos o sol deposita
um cortejo de sombra e de silêncio
e um calor que jamais aquece os mortos.
E aqui estou, ó Morte, e trago a vida
como quem traz nas mãos a despedida
após tantos adeuses provisórios,
para que também morras junto a mim,
relâmpago na aurora escancarada
a um pensamento que jamais se pensa
e a um nada que é tudo, sendo nada.





A RONDA DA MORTE

A morte não respeita a nossa privacidade
e vive nos rondando noite e dia.
Insiste em espalhar aos quatro ventos
que priva da nossa intimidade
o que não passa de deslavada mentira.
A morte não é flor que se cheire.
Torna-se aconselhável ficar longe dela
do seu cerco insistente e detestável
e evitar os lugares que ela costuma frequentar.
Para a nossa paz e segurança
tranquemos todas as portas e janelas
para que ela não entre em nossas casas
nem mesmo na forma de uma aragem.
Quando ela passar perto de nós
uma foice escondida sob as vestes
o melhor a fazer é fingir que não a vemos
nem responder aos seus cumprimentos
embora ela nos julgue mal-educados.

A morte é falsa e interesseira
além de intrometida.
Não temos nada a ganhar com ela
e perdemos nossas vidas.
Não devemos confiar em suas promessas mirabolantes
jamais cumpridas após o instante
do último suspiro
e que perturbam nosso giro pelo mundo
na busca do dia perdurável.

Com a morte assassina e sua foice
e suas longas mãos de puta sôfrega
todo cuidado é pouco.

O CORAÇÃO PRESUNÇOSO

De nada adianta
negar a verdade.
Não temos passagem
para a eternidade.

O mormaço avança
e envolve a cidade.
Tudo é provisório.
Nada é realidade.

Estamos no escuro
como no cinema.
Coração impuro,
qual o teu problema?

Queres ser eterno.
Como és presunçoso!
Além das estrelas
não há nenhum pouso.